

BOLETIM DO MUSEU DE BIOLOGIA

PROF. MELLO LEITÃO

SANTA TERESA — E. E. SANTO — BRASIL

Série: PROTEÇÃO À NATUREZA - Nº. 6 - 28-1-1951

O CAFÉ E AS FLORESTAS NATURAIS DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

AUGUSTO RUSCHI
MUSEU NACIONAL

As Florestas espiritosantenses, conforme publiquei na Fitogeografia do E.E. Santo, no Bol. Mus. Biol. Prof. Mello Leitão, Série Botânica n.º 1, em 1950, fazem parte das Matas dos Tabuleiros, das Matas Atlântica que abrangem as Matas de Encostas e as Matas Altimontanas ou Subalpinas, e ali, foram detidamente descritas. São florestas tipicamente tropicais, dada sua latitude Sul, que vai de 18 graus e 5 minutos, até 21 graus e 28 minutos, extendidas que eram como um manto verde contínuo e escuro, desde o Rio Mucuri ao Rio Itabapoana e do Mar até a Serra dos Aymorés. Sempre foi ela o obstáculo natural para a penetração do homem civilizado, as tribus indígenas e os inúmeros animais ali abrigados, eram seus vigilantes de espreita. Mas, apesar disso, as privilegiadas condições que elas apresentavam para a agricultura, de vez que a natureza a dotara com recursos de toda sorte: Terreno fértil e variado, água em abundância, clima agradável; serras em profusão na parte central, sul e oeste, e planícies ao norte e nos vales dos Rios sulinos, além de muitíssimos córregos e lagos. Tudo reuniu-se para atrair a colonização, assegurando ao trabalho um rico sucesso.

De obstáculo que eram, determinando a fiação de grupos litorrâneos, como aconteceu desde o Século XVI, com a fundação de Vila Velha, (E. Santo) Vitória, Anchieta, Guarapari, Linhares, Serra, Conceição da Barra, São Mateus e Aracruz, lentamente a civilização foi penetrando o solo espiritosantense ao mesmo tempo que a destruição das matas se iniciava nesse tempo dos "Engenhos", com a monocultura da Cana de açúcar, sem que fosse entretanto considerado o ciclo da Cana no Estado do Espírito Santo, um grande destruidor de florestas. Sabemos que em 1841 a população espiritosantense não chegava a trinta mil habitantes; dentre os quais, mais de treze mil escravos e mais de seis mil indígenas. E por volta dessa época 85% do seu território era coberto com essas florestas opulentas.

Com a chegada do café, ocorrida no Século XIX, conforme data constatada por cientistas que aqui passaram e nessa ocasião assinalaram a não existência do mesmo, como o fizeram: Maximilian De Wied, e A. de Saint-Hilaire, as primeiras plantações dessa Rubiácea foram feitas por volta de 1837, e em 1860, em Itapemirim e Cachoeiro do Itapemirim, eram extensas, essas plantações, adesando-se as populações rurais para a corrida do seu plantio e a penetração contínua do nosso território, seguindo o curso dos maiores rios, para a instalação de novas cidades e mais tarde, galgando as serras, foram os caminhos seguros dos bandeirantes e emigrantes. De 1875, quando maior foi o insentivo da cultura cafeeira pela constante chegada de emigrantes Europeus, que a essa lavoura vieram se dedicar, e se bem que em 1926, ainda possuíamos 70% do território espiritosantense em florestas virgens, conforme assinala Alberto José Sampaio, em seu trabalho apresentado no Primeiro Congresso Florestal Mundial, realizado em Roma, hoje que somos cerca de oitocentos mil habitantes no E. E. Santo, não possuímos

siquier dez mil quilômetros quadrados, ou seja menos de 23% do nosso território em florestas primitivas; destruimo-las da maneira mais impiedosa e funesta: pela queimada e derrubada. A machado e a fogo e que foram se abrindo na mata as clareiras para o plantio do café civilizador, mas ao mesmo tempo devastador.

Hoje falamos no café como nossa grande riqueza, mas, indubitavelmente êle entrou como um conquistador inimigo: matando as florestas, destruindo os animais que ali viviam, dezimando as tribus Indígenas, para si e todo o seu vigor. Com a destruição das florestas espiritosantenses nos tempos do Império, fazia-se a exportação do Pau-Brasil, depois do Jacarandá e mais tarde da Peroba do Campo, Cedro, Sucupira e outras essências até chegarmos hoje ao Jequitibá, Pau-Marfim e brevemente iremos ao Gonçalo-Alves, ou Guarabú-preto e Guarabú-amarelo, além de muitas outras, para aniquilarmos o que ainda nos resta como testemunho das mais exuberantes florestas situadas fora da Região Equatorial. E é justamente sobre as cinzas dessas essências preciosas que coloriram essas terras, que vicejaram e vicejam os cafezais. Milhares de quilômetros quadrados ostentam essa monocultura em nosso Estado; e não é só ao método empírico do seu cultivo que lhe devemos e experimentamos o maior mal, pois ha imensos cafezais em terras do Platô Terciário, onde sua cultura é condenada, por muitos factores como os pedológicos e climatéricos, denunciando-lhe um período vital efêmero, comparado com o das regiões das Florestas de Encostas. Mas, é dele que depende a vida do nosso povo; é dele que depende um bom ou máu Governo em terras Capixabas. E tudo isso porque? E tudo isso em troca de que? Tudo isso porque o homem introduziu uma espécie exótica de rendimento econômico em seu solo. Tudo isso em troca do desequilíbrio provocado na natureza esperitosantense. E é devido à ruptura dêsse equilíbrio biológico, que jamais alcançaremos o estado climato-edáfo-biótico que tivemos. E não vacio hoje em dizer, que dariamos tudo o que desfrutamos com o resultado dessa monocultura cafeeira, para que nos fôsse devolvido metade apenas do que eia destruiu. Não quero dizer que o café fôsse um intruso indesejável; êle foi um dos forasteiros que bem se adaptou, mas o desastre que provocou advém da ganância ao lucro e do desleixo por parte dos Governos, que sempre permitiram aos agricultores o crime contra os bens naturais, para que crimes muito maiores se succedessem; ou seja, o plantio incontrolado, com métodos empíricos de uma monocultura em proporções tão desastrosas. Assim, aniquilou-se o solo e a planta. E ainda hoje se busca o restinho de floresta virgem que haja escapado a êsse vandalismo desenfreado, para novas experimentações, plantando-o após derrubada e queimada a floresta, em qualquer local, de clima e solo próprios ou não; pois essa guerra aberta do homem cafeicultor e a mata, não se fizera nunca pelo sistema de proteção recíproca entre o homem e a natureza; aquele amor profundo do homem pela árvore, pela terra, que todos os sociólogos, economistas e cientistas, apontam como a mais certa e útil à humanidade. A monocultura do café no E.E. Santo, está separando o homem da própria água que necessita, quanto mais do sentido nacionalista do dia da Árvore; já somos quasi indignos de conservar o nome do nosso próprio país, de vez que destruimos a própria essência florestal que lhe dera o nome, o Pau-Baldur; esta só em muito poucos jardins ou praças públicas é encontrada; mas, o café, mesmo no dia 21 de setembro de cada ano, no advento da Primavera, quando a natureza se mostrava sorridente a espera da Deus das flores, Nana, para receber o beijo matinal do Deus da Luz Baldur, em nossa terra estremecida vemos a substituição do Pau-Brasil, pelo Café; e quicá, que maldosos legisladores amanhã não tenham até mesmo a coragem de propor a mudança do nome de nossa Pátria, para o dessa planta exótica? Ela nos separando está, da própria água que

necessitamos, quanto mais das plantas ornamentais, das aves de plumagem de cores vivas, como as Orquídeas, os Gravatás, os Maracujás selvagens, as Palmeiras e as lianas; os papagaios, os tucanos os mutuns, as araras, as saíras e os beija-flores.

Essim é comum ao homem dos cafezais não conhecer essas cousas da mata ou floresta e nem mesmo saber-lhe o nome. Sim, tudo isso era tão pouco inexgotável como qualquer outra fortuna. E se hoje visstarmos um reduto dêsse que chamamos de RESERVA FLORESTAL E BIOLÓGICA, seja a do REFÚGIO DE "SOORETAMA", DO RIO BARRA SÊCA", DE "NOVA LOMBARDIA", DO "CÓRREGO DO VEADO", DO "RIO ITAÚNAS" ou DO "PICO DA BANDEIRA", necessário se faz, como homem branco dos cafezais, que sejamos acompanhado do caboclo, para que nos vá ensinando; este é um Jacarandá, essa é uma Peroba de Campo, aquele é um Jequitibá, aquela é uma Sapucaia; ali está uma Aricanga, ali vai um caxinguelê, e lá vouando uma araponga. Mas, para que pasmem os meus conterrâneos capixabas, devo mencionar algumas observações que ha anos venho realizando em Santa Teresa na Terra de Canaã, onde vivo a pesquisar a natureza em todos os seus aspectos.

O nosso Município, desde mais de meio século, possui a mesma população, entre 28 e 30 mil habitantes. Sua principal fonte de riqueza é a monocultura do café, e com a chegada da praga que lhe destrói os frutos, uma praga entomológica, cujo inseto recebera o nome vulgar de "Brôca do café", cujo responsável é o *Hipotenemus hampel*, trazido da África, pátria originária também da planta, e em virtude dos prejuizos que esse inseto causa à produção, indo de 5% no início e chegou a 90% da safra anual, recebeu logo a genial e moderna técnica de combate com drôgas químicas, os inseticidas e dessas, o B.H.C. a princípio empregado na dosagem de 1%, e depois chegou até 4 e mesmo 5%, com polvilhamento de até duas vêzes por ano, a fim de debelar essa praga, que dava ao Espírito Santo um prejuizo que abalaram sua economia e traziam em sobressalto os cafeicultores e o próprio Governo. Mas, o emprêgo dêsse inseticida no período da floração das ~~malvaceas~~ ocasionou a morte dos dipteros responsáveis pela pólinização das flores de *Mangifera indica*, que são plantas legitimamente entomogamas, e em consequência não houve frutificação das mesmas e ainda um grande número de aves, de muitas espécies, que são insetívoras, como Tiranídeos, Formicarídeos e mesmo Turdídeos, foram apañados mortos e morrendo devido a ingestão de tais insetos e outros ali existentes, pois nos cafezais ha muitos insetos, que ali se acham de passagem, seguindo ainda a cadeia, muitos pequenos mamíferos vieram a perecer e o mesmo acontecendo com os peixes de pequeno porte do Córrego Cinco de Novembro. Essas observações puderam ser repetidas durante oito anos, e sempre os resultados vieram confirmar os danos causados pelo emprêgo do B.H.C. ou H.C.B. no combate a brôca do café. E ainda, por mais imprecionante que pareça e por mais absurda ainda que possa parecer, devo dizer que o emprêgo do B.H.C. e como mencionei e o D.D.T. como inseticida, pelo serviço Nacional de Endemias Rurais, fazendo a dedetização das residências rurais, para o combate dos transmissores da malária e febre amarela, ainda na região do Vale do Canaã, pudaram-me dar uma estatística bem curiosa, embora precoce para uma conclusão mais precisa, uma vez que a população não modificou nessa região e nem mesmo houve aumento, uma cousa está nos alarmando, é o número muito crescente de pessoas que pereceram de câncer na região, quando ha mais de 15 anos passados, ou seja, antes do emprêgo intensivo e anual dos referidos inseticidas, eram raros e mesmo raríssimos casos dêsse mal. No futuro, tudo indica que ainda mais devem tais casos surgir, de vez, que o aumento do emprêgo de inseticidas se faz cada ano mais intenso e vulgar. Ao envez de

serem estudadas as pragas das plantas agrícolas, procurando-se os inimigos naturais das pragas entomológicas, prefere-se usar os inseticidas, que são produtos geralmente elaborados de ingredientes inorgânicos. portanto que permanecem não só no solo, mas, são incorporados através os produtos alimentícios do homem ao seu próprio organismo celular e aí, pode desencadear uma série de fenômenos bioquímicos que ainda são desconhecidos do homem e não poderemos saber até onde poderão êles chegar, se não mudarmos de atitudes.

Basta, para que possamos avaliar a distância a que o cafeeiro nos deixará e a nossos filhos e netos, longe daquilo que era o nosso habitat, onde a dinâmica do ecossistema, era estabelecido em perfeita harmonia, entre os componentes vivos produtores e os consumidores numa cadeia que se iniciava com as plantas clorofiladas e as bactérias sintetizadoras, passando-se para os organismos animais, como os herbívoros, daí para os carnívoros, em cadeia de alimentação, que estabelecia um ecossistema auto-suficiente, em equilíbrio biológico, em todo seu Climax com muitos níveis tróficos e com uma infinidade de "nichos", uma vez, que centenas de milhares de espécies viviam nessas Florestas, que hoje ou são cafezais ou são grandes extensões de pastagens artificiais. E nossos filhos e netos, se quiserem, terão que estudar o deserto e pre-desertos e rebuscar nos Institutos científicos a demonstração prática do mortuário da sua própria pátria; e então rebuscar as leis da ecologia, e talvez com os recursos da Silvicultura e genética, conseguir recuperar para a agricultura as terras capixabas deixadas pelos seus antepassados. E, mesmo para que possam proceder a essa tarefa, indispensável se tornará que permaneçam até seus dias, as RESERVAS FLORESTAIS E BIOLÓGICAS criadas em território espiritosantense, as quais deverão permanecer intactas nos dias atuais, amanhã e sempre, para o eterno benefício dos filhos desse torrão. São elas os verdadeiros santuários que constituirão os últimos refúgios da fauna e flora silvestres que possuímos.